

ARTE *DO* PARANÁ *OU* ARTE *NO* PARANÁ?

■ Maysa Nara Eisenbach¹



Teatro



Dança



Música



Artes Visuais

“Santo de casa não faz milagre!”
Você concorda? E artista de casa?

Quando se trata de arte, é comum lembrar de Leonardo Da Vinci, Van Gogh, Salvador Dali... Mas e Erbo Stenzel? Lange de Morretes? Carmen Carini? Você já ouviu falar?

Entre os séculos XVI e XIX, os viajantes que passaram pela região que hoje se chama Paraná registraram suas impressões em forma de pintura, porque, nesse período, ainda não existia a fotografia por aqui.

O primeiro pintor a fixar morada no Paraná foi Guilherme Frederico Virmond. Chegando aqui em 1833, o alemão Virmond – que era poliglota, estudioso de zoologia e música e desenhista de charges – foi o primeiro a retratar a “gente paranaense”. São dele, também, as mais antigas charges que por aqui apareceram. (Revista Referência em Planejamento, Vol. 3, n. 12, p.20)

A primeira escola de arte do Paraná, a Escola de Artes e Indústrias, foi criada pelo artista português Mariano de Lima em 1886. Apesar de não ter sobrevivido por muito tempo, esta escola foi muito importante para o desenvolvimento da Arte Paranaense, pois revelou artistas como Zaco Paraná e João Turin, que são reconhecidos até hoje.

O pintor Alfredo Andersen teve grande importância na formação de diversos artistas que freqüentavam seu atelier. O próprio Alfredo Andersen foi considerado, posteriormente, “o pai da pintura paranaense”, tanto por sua obra artística quanto por suas propostas educativas.

■ Alfredo Andersen: o mais paranaense entre os noruegueses



■ ALFREDO ANDERSEN, *Queimada ou Lavadeiras*. Óleo sobre tela. 91,5 X 153 cm. Acervo do Palácio Iguazu, s/data (provável do Início do Século XX).

O artista

Alfredo Andersen nasceu em Kristiansand na Noruega, em 03 de novembro de 1860. Ninguém sabe ao certo como se deu sua formação artística, o que se sabe é que em 1879, foi transferido para a Dinamarca e, em 1891, iniciou uma longa volta ao mundo. Nesta viagem, possivelmente tenha estado no México e posteriormente no Brasil. Depois, retornando ao Velho Mundo, conheceu quase todos os países europeus, indo visitar ainda a África e a Índia.

Ao retornar à América, com destino em Buenos Aires, houve um acidente de navio e este acabou por descer em Paranaguá.

Alfredo Andersen apaixonou-se de tal forma pelo Paraná, que aqui se casou com dona Anna Oliveira, indo viver em Curitiba em 1903, e, quando em 1927 foi convidado pelo governo norueguês para retornar à sua terra e lecionar na Escola de Belas Artes de Oslo, recusou o convite, pois já se sentia um brasileiro.

Aqui montou cursos de artes nos quais formou diversas gerações de importantes artistas paranaenses, destacando-se entre eles Lange de Morretes.

Alfredo Andersen veio a falecer dia 08 de agosto de 1935, vítima de uma broncopneumonia, mas sua obra pode até hoje ser apreciada no Museu Alfredo Andersen, em Curitiba.

■ Paranismo, um movimento paranaense

Você é paranista?

Se você está relacionando o termo “paranista” ao time de futebol conhecido como “Paraná Clube”, você está enganado, não é de esporte que estamos falando, mas de um movimento pouco conhecido, mas muito importante.

“Paranista é aquele que em terras do Paraná lavrou um campo, vadeou uma floresta, lançou uma ponte, construiu uma máquina, dirigiu uma fábrica, compôs uma estrofe, pintou um quadro, esculpiu uma estátua, redigiu uma lei liberal, praticou a bondade, iluminou um cérebro, evitou uma injustiça, educou um sentimento, reformou um perverso, escreveu um livro, plantou uma árvore”. (MARTINS, Romário in: Trindade e Andreazza, 2001, pg 91)

O Paranismo foi um movimento regionalista ocorrido entre as décadas de 1920 e 1940, conduzido por um grupo de intelectuais que procurava cultivar e divulgar a história e as tradições do Paraná, incentivando a construção de uma identidade regional, impregnada pela crença no progresso e no desenvolvimento social que foram característicos na Primeira República.

Apesar desta busca pelas raízes paranaenses, o Movimento Paranista acolhia também emissores que não estavam ligados à terra pelo nascimento, mas que eram defensores do processo de Emancipação do Estado, como o mineiro Cruz Machado e o paulista Carneiro de Campos.

O Movimento Paranista contou com a participação de vários literatos como Romário Martins, Euclides Bandeira, Dario Vellozo e Rodrigo Júnior.

Na área das Artes Visuais, envolveu reconhecidos artistas do Estado, como João Turin, Ghelfi e Lange de Morretes. Sua produção envolveu vários projetos: luminárias, bancos de praças, indumentárias, ilustrações, colunas, fachadas, jazigos, residências, esculturas, relevos, murais e até calçadas, todas representando a Araucária, a pinha e o pinhão, enfim, símbolos do Paraná.

Nem todas as obras projetadas foram executadas, parte por falta de arquitetos que aderissem ao movimento, parte por falta de vontade política dos governantes da época.

Entretanto, as pinhas confeccionadas como mosaicos que podem ser vistas até hoje no calçamento da Rua XV de Novembro, no centro de Curitiba, tornaram-se “... um ícone ou logotipo da cidade...” (ARAÚJO, 1994, p. 06)

Historicamente, o termo Paranismo tem origem no Tropeirismo, para designar os habitantes da região, ainda antes da criação da província do Paraná em 1853. Segundo Romário Martins, historiador e grande estruturador do Movimento Paranista:

“O vocábulo “Paranista” foi proferido pela primeira vez em 1906, por Domingos Nascimento, após viagem ao Norte do Paraná, onde notava que ninguém nos chamava de “paranaenses” e sim de “paranistas”. Em 1927, portanto, 21 anos depois, Romário Martins retoma o termo, cujo sentido, porém ultrapassa o nativismo para ganhar uma conotação filosófica, existencial, estética, política, social e econômica...” (ARAÚJO, 1994, pag. 06)

A primeira representação plástica Paranista foi feita por João Turin em 1923, num baixo relevo para a sepultura de André de Barros. Foram executados também os projetos do Salão Paranaense, na antiga sede do Clube Curitibano; a Casa Leinig, na Rua José Loureiro; e o próprio atelier do artista, na Rua Sete de Setembro, todos já demolidos. “Quer dizer, Curitiba não foi capaz de preservar sua memória sequer um século”. (ARAÚJO, 1994, pag. 06)

De Lange de Morretes, restam as citadas calçadas, em *petit pavé*, utilizando a representação geométrica de pinhas e pinhões, executada pela Prefeitura de Curitiba.

O Paranismo perdurou até os anos 1940, quando, no governo centralizador de Getúlio Vargas, o regionalismo já não era bem visto pelo governo, mesmo assim, podemos considerar que o sentimento Paranista permanece vivo em cada pessoa, mesmo sem ter conhecimento desse movimento cultural.

“Regionalismo: doutrina política e social que favorece interesses regionais”.(Houaiss, 2001)

Região pode ser compreendida como uma construção histórica (...), é a consciência social de um espaço físico e suas relações ideológicas e pode ser também um espaço de disputas de poder. “Esta ideologia elaborada, portanto, a partir do substrato regional, com um fim específico, constitui uma dimensão do Regionalismo, que se manifesta como consciência regional”. (CASTRO, 1992, p.36)

■ Lange de Morretes e as calçadas de Curitiba

Você já viu os pinhões representados nas calçadas da Rua XV de Novembro em Curitiba?



ATIVIDADE

Observe o trabalho de geometrização do pinhão que Lange de Morretes (1892-1954) fez para as calçadas do centro de Curitiba. Veja como ele conseguiu por meio da estilização a representação do pinhão que acabou se tornando um símbolo do Paraná.

Agora é sua vez. Escolha um elemento que represente a arquitetura, a fauna ou a flora de sua cidade, enfim, algo que a simbolize.

Faça um desenho simples deste símbolo e com o auxílio de régua, compasso e esquadros, simplifique-o.

Faça uma composição repetindo a figura simplificada. Represente-a de vários tamanhos e se quiser, sobreponha uma representação à outra. Pinte com cores que se relacionem à temática escolhida.



■ LANGE DE MORRETES. Abstração do Pinhão na Calçada de Curitiba. Foto: Icone Audiovisual.

O Artista

Lange de Morretes (1892 – 1954) além de artista foi também cientista e procurou a perfeição em ambas as profissões. Tornou-se internacionalmente conhecido em Malacologia (ramo da zoologia que estuda os moluscos).

No ramo das artes, tinha preferência pelo gênero paisagístico no qual fazia as representações com características ao mesmo tempo realistas e impressionistas. Além disso, manteve, até 1935, uma escola de desenho e pintura, onde tiveram início o escultor Erbo Stenzel, os pintores Arthur Nisio, Kurt Beiger, Augusto Comte, Waldemar Rosa e Oswald Lopes (pintor e escultor), entre outros.

Mais tarde, por divergências políticas com Manoel Ribas, transfere-se para São Paulo, retornando ao Paraná somente em 1946, após a morte do mesmo, quando, com a ajuda de Bento Munhoz da Rocha, consegue colocação no Museu Paranaense e assim dá prosseguimento às suas pesquisas. Em suas últimas obras transparece, porém, um grande pessimismo, que revela o estado depressivo que se encontrava o artista no final de sua vida. (Referência, Vol. 3, nº 12, pag. 25)

É curiosa uma história do artista, contada por Constantino Viaro, que certo dia, teria surpreendido os amigos afirmando: "Vou morrer no dia tal e gostaria de ser enterrado em Morretes, em pé, olhando para o Marumbi". Ninguém levou o caso a sério, mas ele, para surpresa de todos, inexplicavelmente, morreu no dia marcado. As pessoas que o viram prever a morte chegaram a pensar em suicídio, mas depois essa hipótese foi descartada, ficando somente o mistério. (VIARO, 1996, pag.86)

Falecido, então, a 20 de janeiro de 1954, a família satisfez seu último desejo, enterrando-o em pé, dentro de duas manilhas de cimento, com o rosto voltado para o Pico do Marumbi. (Referência, Vol. 3, nº 12, p. 25)

■ João Turin

Este artista ficou reconhecido por meio de seu estilo “animalista”, do qual há várias obras expostas em espaços públicos, como o *Tigre Esmagando a Cobra*, Luar do Sertão e também bustos e estátuas.

Além de esculturas, Turin também se dedicou à pintura, segundo ele, sem a intenção de competir com os pintores.

O Artista

João Turin (1878 – 1949) foi um menino de origens humildes. Sua família, de imigrantes italianos, desembarcou em Paranaguá em 1877. Um ano depois, nasceu João Turin.

Mais tarde, a família transferiu-se para o “friozinho” de Curitiba, onde desde cedo, João Turin exerceu vários ofícios: ferreiro, marceneiro, entalhador, escultor. Certa vez, disse: “a miséria, a fome e o frio me puseram em má situação que, se não fora o amparo de Zaco Paraná (colega na Escola de Artes e Indústrias), (...) auxiliando-me e comprando-me um sobretudo, certamente eu teria morrido de fome” [pois comprando um sobretudo, não lhe sobraria dinheiro para comprar alimentos]. (Referência, Vol. 3, nº 12, pag. 29)

Apesar de sua vida um tanto quanto difícil, frequentou em Curitiba a Escola de Belas Artes e Indústrias do Paraná e o Seminário Episcopal. Mais tarde, foi para a Europa onde executou as obras: *Exílio*, *Pietá* (1912) e *Tiradentes* (1922), recebendo boas referências da imprensa francesa.

Chegou a trabalhar em um jornal (*Le Martin*) e como voluntário no Hospital 50 da Cruz Vermelha, no período da 1ª Guerra Mundial.

■ JOÃO Turin. Dante Alighieri.
Escultura em gesso. 0,940 x
0,280 x 0,410 m. Acervo: Casa
João Turin.

■ Foto: Icone Audiovisual.

Observe este homem, representado por João Turin. Como você o descreveria?

O que parece estar pensando? Que livro ele segura?

Esta escultura representa um grande artista italiano. Quem foi ele?

Sua obra mais importante chama-se *A Divina Comédia*, e é dividida em três partes: Céu, Purgatório e Inferno, nas quais Dante conta que sob a companhia de Virgílio (poeta grego), visitou a cada um destes lugares, sob a proteção de sua eterna amada Beatriz.

É interessante destacar que *Dante Alighieri* de João Turin é inspirado nas gravuras de Gustave Doré que ilustram o livro *A Divina Comédia*.

Você já ouviu a expressão “Inferno de Dante”?

■ Dante Alighieri e a Divina Comédia

Dante Alighieri nasceu em Florença, em maio de 1265. Embora tenha amado e servido à pátria florentina em várias áreas, como na guerra, no gabinete, na política e na poesia, em 1302 é condenado e exilado renunciando ao seu perdão. Por esse motivo amaldiçoou sua Florença, situando-a em seu livro no fundo do Inferno.

Em 1289, apaixonou-se por Beatriz, que mais tarde, aos 24 anos morre, esposa de outro homem. Tal era a tristeza incontrolável de Dante que os amigos pensaram que morreria de tanto sofrer.

Apesar disso, casou-se com Gemma di Manetto Donati e com ela teve três filhos. “De qualquer modo, resultou o maior adúltero espiritual da história da poesia: a esposa e os filhos sequer são mencionados em sua obra”. (DONATO, 1981)

Dante faleceu em 14 de setembro de 1321 deixando as seguintes obras: *Vita Nuova*, *Convívio*, *De Vulgari Eloquentia*, *Monarchia*, *Quaestio de Aqua et Terra*, *Epístolas* e *A Comédia*, que só mais tarde, após 1555, Giovanni Boccaccio adicionou ao nome um adjetivo que a obra realmente merecia: Divina, *Divina Comédia*!

■ Um pedaço do inferno

Boa parte da imaginação cristã que temos hoje do céu, do inferno e do purgatório nos é trazida por interpretações da *Divina Comédia*. Sua obra é tão importante que o Papa Bento XV (Papa entre 1914 e 1922) chegou a apontá-la como uma espécie de Quinto Evangelho (os “outros” quatro são Mateus, Marcos, Lucas e João).

Observe então, este trecho da *Divina Comédia* em que Dante narra o “... terceiro giro do Círculo sétimo, no qual se encontram os violentos contra Deus, a arte e a natureza, continuamente fustigados por uma chuva de fogo”.

7 Para deixar patente o que ocorria,
explico que chegamos a uma landa
em que nenhuma planta ou flor crescia. (...)

13 Estendia-se a areia espessa e brava,
semelhante à do inóspito deserto
que, a pé, Catão outrora prelustrava.

16 Ó vingança de Deus, quanto, decerto,
serás temida pelos que ora lendo
vão tudo o que ali vi, de olhar desperto!

19 Eram almas desnudas, que, gemendo,
vários grupos formavam tristemente,
como a norma diversa obedecendo. (...)

25 A que gira é no número crescida
mais que as outras, que imóveis, no tormento,
gritam bem mais, a língua desprendida.

28 Sobre o deserto desabava lento
um temporal de lâminas ardentes,
tal no alto a neve, quando para o vento. (...)

37 - assim caía ali o fogo o horror;
e a areia ardia, tal a isca fulgura
sob o fuzil, dobrando-lhes a dor.

(DONATO, 1981, pag. 221 e 222)

Claro que para se ter uma compreensão mais profunda da dimensão da *Divina Comédia* não basta ler alguns destes versos, é importante conhecer a obra completa, mas estas estrofes podem servir para ativar nossa imaginação e para que se compreenda porque João Turin resolveu representar seu autor.



ATIVIDADE

Você deve ter percebido que o texto de Dante Alighieri é poético, e divide suas estrofes sempre em três versos rimados. A linguagem também é bem diferente da usual, já que o livro foi escrito por volta de 1300.

Transforme a citação do texto de Dante em prosa. Compare os dois textos. Você precisou fazer muitas modificações? Por que foram necessárias?

E você, como imagina o inferno? Semelhante a este trecho que Dante descreve? Sim ou Não? Por quê?

Nos períodos Renascentista e Barroco, você encontrará várias obras representando o inferno, que tal pesquisar?

■ Guido Viaro: pintura e a preocupação social

Viaro adorava retratar as paisagens do Paraná. No início de seu trabalho, sua linguagem era praticamente impressionista, porém, mais tarde em razão da “paixão por ser gente, seu gosto de conversar com as pessoas simples dos arrabaldes da cidade, da favela, os operários que sobrevivem na periferia da cidade, o agricultor, a lavadeira, o povão”, tornou-se mais expressionista, demonstrando assim sua preocupação social com a humanidade. (Referência, Vol. 3, nº 12, p.107 e 161)

Como artista e professor, experimentou diversas técnicas: escultura, monotipia, zincogravura, água-forte, ponta-seca, mas o desenho e a pintura a óleo foram sempre as suas grandes paixões. Foi desta forma que representou o aspecto social em cenas da vida urbana e rural, sempre com grande inquietação tanto em relação à temática, quanto à composição e técnica.

O Artista

Guido Viaro (1897 – 1971) nasceu na Itália, mas escolheu a cidade de Curitiba no Paraná para viver, por este motivo é tido como um artista paranaense. Além de pintor, foi também educador, lecionando arte para crianças e mais tarde na Escola De Música e Belas Artes do Paraná – EMBAP, o que resultou na criação do Centro Juvenil de Artes Plásticas, em Curitiba.

Devido à sua paixão pela arte, Guido sentia muita vontade de viajar, já que assim teria a oportunidade de conhecer a arte produzida por várias culturas. Certa vez, quando saiu de casa a pedido de sua mãe, para comprar carne, encontrou um piloto de corridas que o convidou para ir junto com ele para Paris: “e lá se foi com o novo amigo para a terra que tanto desejava conhecer. Ficou três meses em Paris. Passou fome. Fez trabalhos alternativos, mas conheceu o grande e importante movimento artístico francês da época. Três meses depois, voltou para casa com o pacote de carne que a mãe tinha encomendado”. (Referência, Vol. 3, nº 12, p.38)

Guido Viaro chegou ao Paraná de passagem, para observar e retratar as belezas locais. Mas, em Curitiba, quando viu passar pela rua XV o grande amor de sua vida – Yolanda – mudou de idéia e ficou por aqui até o fim de sua vida.

Em sua primeira exposição em Curitiba, era evidente a influência da Arte Moderna, nova para os conceitos da época que só admitiam o figurativismo acadêmico. Desta forma sua exposição não teve boa repercussão. Revoltado com seu insucesso, Guido fez uma nova exposição na qual mostrou quadros figurativos de pinheiros e aquarelas bem suaves, dentro do gosto da época. Esta exposição foi um sucesso total, tanto que todos os trabalhos foram vendidos. Indignado, publicou um artigo no jornal O Dia, “criticando a sua própria pintura, dizendo que aquilo não era arte, arte sim, eram os trabalhos que mostrara anteriormente. Devido à sua própria crítica, alguns vieram devolver os quadros comprados”. (Referência, Vol. 3, nº 12, p.:67 e 68)

Este “ato de rebeldia” foi importantíssimo para o rompimento da Arte Paranaense com o passado e aceitação de uma linguagem artística mais contemporânea. Nesta direção, criou também a primeira Escolinha de Arte no Brasil, pois julgava que as crianças absorveriam melhor sua intenção artística. “A escolinha não tinha por objetivo fazer artistas, mas, sim, criar o gosto pela Arte mediante o conhecimento mais amplo de todo o processo criativo”. (VIARO, 1996, p. 68 e 69)

Em 1970, quando morreu sua amada esposa Yolanda, Guido Viaro definhou, não por doença, mas por tristeza, e “meses depois, veio a falecer, deixando a clara convicção de que, neste mundo e neste século, ainda existe gente sensível que morre de amor”. (VIARO, 1996, p.186)



ATIVIDADE



■ GUIDO VIARO. *Paisagem nº 2*. Óleo sobre Tela. 60 X 70 cm. 1971
– Museu Oscar Niemeyer, Curitiba Paraná.

Observe a tela de Guido Viaro. Que tipo de paisagem ele está representando rural ou urbana?

Como é este local?

O que você sente observando esta paisagem? Tristeza, alegria, solidão...

Ela lembra algum lugar que você conhece? Qual? Como são as pessoas que vivem neste lugar? Elas parecem felizes ou tristes?

Depois de refletir sobre esta obra, o que você acha que o autor quis retratar aí? Será que somente uma paisagem ou tem uma mensagem por detrás da obra? Qual?

■ Zaco Paraná

A obra-prima de Zaco Paraná é a escultura *O Semeador*, localizada na Praça Eufrásio Corrêa, em Curitiba-PR, por este motivo, também conhecida como “Praça do Semeador”. Esta é “considerada uma das mais belas esculturas do sul do país. Obra vigorosa – extraordinária por sua força contida e a profunda compreensão das raízes da alma do povo”. Entretanto, mesmo estando ao lado da Câmara Municipal de Curitiba – onde se concentra grande parte do poder político da capital paranaense, permanece esquecida, escondida entre as árvores e habitada pelas mariposas. (Referência, Vol. 3, nº 12, pg 29)

O Artista

Jan Zack (1884 – 1961) era polonês e ainda criança veio residir no Brasil. Em gratidão à terra que o acolheu, naturalizou-se brasileiro adotando o nome de João Zaco Paraná.

De origem humilde, vendia suas próprias esculturas na estação de Restinga Seca, que se localizava no município de Porto Amazonas – PR (foi desativada em 1914). O banqueiro Sr. Solheid ficou maravilhado com suas obras e convenceu seus pais a deixarem o menino Zac passar a residir em Curitiba, para que completasse seus estudos.

Estudou então na escola Mariano de Lima. Depois, com bolsa de estudos cedida pelo Governo do Estado, aperfeiçoou-se na Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro e posteriormente em Bruxelas, e na Itália, na Escola Superior de Belas Artes.



■ Foto: Icone Audiovisual



ATIVIDADE

Observe com atenção o personagem representado na obra *O Semeador*:

Na sua opinião, qual é mensagem que passa a escultura de Zaco Paraná?

Como símbolo do Paraná, *O Semeador* significa mais do que alguém que cultiva a terra. O que mais representa o ato de “semear”?

■ JOÃO ZACO PARANÁ. *O Semeador*, escultura. Curitiba.

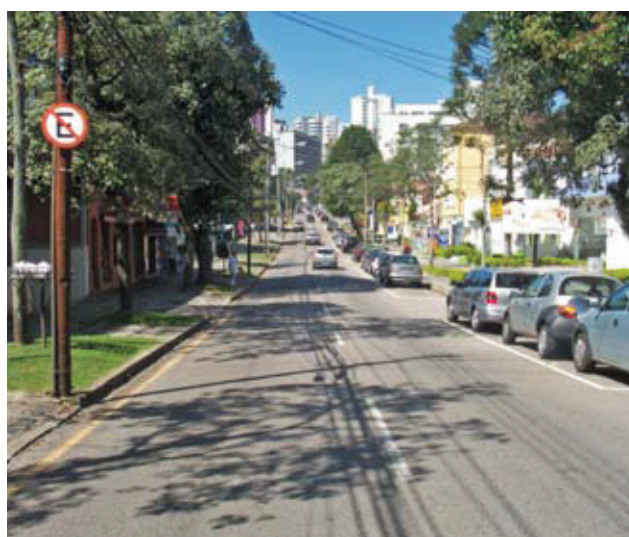
■ O Pré-Modernismo Paranaense

Foi a literatura paranaense a primeira a demonstrar, já na década de 1920, sinais de modernismo. A música e as artes plásticas mantiveram-se mais conservadoras, afinal, Curitiba, nesta época não fazia parte dos “centros urbanos” brasileiros, onde ocorriam a maior parte das novidades artísticas, era uma capital muito tranqüila e conservadora. “Como refletir os dramas e neuroses de uma civilização tecnológica em meio a tanta paz”? (Referência, Vol. 3, nº 12, p. 32)

Observe as imagens abaixo, e veja a diferença de Curitiba naquela época e hoje em dia.



■ GUIDO VIARO, *Minha Rua*. Óleo sobre Tela, 60x70 cm. Curitiba.



■ Foto: Rua Angelo Sampaio - em 2006.

Fotos: Ícone Audiovisual.

Duas décadas depois, em 1940, Curitiba já está num novo ritmo de vida, mais agitado e urbano. Nesta época, três artistas da nova geração vão dar um salto definitivo na Arte Paranaense: Poty Lazzarotto nas Artes Plásticas, Dalton Trevisan, e Adalto Araújo, na Literatura. A temática era profundamente social, tirada do cotidiano, deixava transparecer a angústia de sua época, o que é evidente principalmente em Dalton Trevisan.

É também nesta época que surge a revista *O Joaquim* de grande importância para o cenário cultural paranaense.

■ O Joaquim independente

A edição nº 01 de *O Joaquim* foi lançada em abril de 1946. Uma de suas características mais marcantes é a sua independência, tanto filosófica quanto econômica, já que quem a financiava era Dalton Trevisan.

Como a revista não seguia padrões, era “livre” para expor suas idéias que propunham uma ruptura com a hipocrisia do passado. À revista cabia proliferar idéias que enterrassem os mitos ultrapassados de modelos acadêmicos de Arte e matar os monstros consagrados, atualizando a Arte Paranaense com o seu tempo.

Além da participação dos mais representativos críticos paranaenses, como Temístocles Linhares e Wilson Martins, *O Joaquim* contou com textos de Dalton Trevisan (proprietário), a ilustração de Poty Lazzarotto, Guido Viaro, Euro Brandão, Esmeraldo Brasi Jr., e ainda com as contribuições de Erasmo Pilotto (diretor), Cassiano Ricardo e Sérgio Millet e Antonio P. Wagner (gerente).

Infelizmente, na atualidade, a revista *O Joaquim* não é mais publicada, porém podemos encontrar suas edições para consulta local na Biblioteca Pública do Paraná. Vale a pena conferir.



Foto: Icone Audiovisual.



ATIVIDADE

Que tal montar uma revista sobre arte em sua sala? Reúnam-se em grupos e tragam textos comentando sobre eventos culturais e sobre a arte de sua região. Podem ser críticas elaboradas por vocês mesmos ou por outros autores, bem como propaganda de eventos que ainda estão por acontecer.

Certamente também há na turma pessoas que gostem de desenhar. Eles podem ser os ilustradores da revista que se for feita em preto e branco pode ser facilmente multiplicada na forma de fotocópias para os colegas de toda a escola.

Como exemplo, observe a entrevista de Poty Lazzarotto a Erasmo Piloto:

“Falta-nos “importação”. Parece que nos contentamos sempre com a “prata da casa” sem nos preocuparmos em saber se ela é mesmo boa. Além disso, os capitães do atual selecionado cultural paranaense teimam em confundir conservantismo com tradição. Acredito que tradição é uma coisa que nos ajuda a caminhar à frente e não a adoração e a repetição do que já foi feito.

Se a obra de alguém não presta não precisa da propaganda dos amigos para ficar. Assim, em vez de banquetes e homenagens sem expressão, gastemos dinheiro... você entende.

Não creio que mandar vir de fora diminua o valor de outros artistas, ou diminua nossa cidade. Os mineiros apesar de possuírem Ouro-Preto, os Aleijadinho, levaram para lá os Niemeyer, os Portinari, etc., sem esquecer os seus próprios artistas, como Ceschiatti, como prêmio de viagem à Europa”. (Referência, Vol. 3, nº 12, p. 41)

Sobre o que trata a entrevista? Destaque seu tema.

Observe que o tema diz respeito ao cenário artístico paranaense, objetivo da revista *O Joaquim*. Da mesma forma, para escrever um texto é necessário ter clara qual a temática de sua revista.

E agora, que tal escrever um texto sobre arte para a revista da turma?

■ Poty e os murais

Atualmente, a maioria dos murais encontrados em Curitiba são de autoria de Poty. Sua obra, de caráter expressionista, demonstra realismo social, o nativismo paranaense e ainda faz alusão ao fantástico.



■ POTY LAZAROTTO. *Essa gente de Curitiba*, 1995, mural em Curitiba.

O Artista

Napoleón Potyguara Lazzarotto (1924 – 1998), ou Poty, como é mais conhecido, é tido como o maior criador artístico paranaense de sua geração, tendo obras expostas em vários locais do Brasil. Foi ilustrador e muralista, com a produção mais vasta até hoje concebida por um artista paranaense.

Seu primeiro mural surgiu graças ao artista Erbo Stenzel, que sugeriu ao então governador paranaense Bento Munhoz da Rocha, a participação de Poty nos trabalhos a serem realizados na Praça 19 de Dezembro, em Curitiba-PR, em comemoração ao Primeiro Centenário do Paraná, em 1953.

A partir daí, foi o artista preferido pelo Poder Público na produção de murais. O turista, que desembarca no Aeroporto Internacional Afonso Pena, em São José dos Pinhais, já se depara com os murais *O Eterno Sonho* (1981) sobre a História da Aviação e *Aeroporto: A Porta para o Mundo* (1996). Se for ao Teatro Guaíra em Curitiba, encontrará outro na fachada do prédio sobre a História do Teatro, e mais um chamado *Cortina Corta-Fogo, na Boca do Palco*, no auditório “Bento Munhoz da Rocha”.

A obra de Poty não se encontra somente em Curitiba, pode ser vista em São José dos Pinhais, na Lapa (Parque dos Tropeiros), em Maringá e até mesmo no Rio de Janeiro, em Copacabana.

■ Essa Gente de Curitiba

Se você mora em Curitiba, ou na região metropolitana, fica fácil identificar as representações de Poty referentes aos pontos turísticos da cidade. Se você não mora, aí vai uma dica:

A representação da Igreja da Ordem, que hoje funciona como Museu de Arte Sacra, e também à sua frente, está um bebedouro para animais, ambos localizados no Largo da Ordem.

Continuando, aparecerá uma segunda igreja. Esta é a Catedral Basílica Menor de Nossa Senhora da Luz de Curitiba, localizada na Praça Tiradentes.

Além dos pontos turísticos citados, que outras figuras você vê nesta obra? Na sua opinião, o que significam?

No mural *Essa Gente de Curitiba* estão representadas diferentes épocas da História do Paraná. Quais podem ser identificadas?

A Catedral possui sinos que tocam de hora em hora. Observe, os relógios representados no mural. Que horas cada um deles está marcando? Quais seriam os motivos que levaram o artista a marcar estes horários? Qual sua opinião?

Agora, observe as linhas utilizadas. Esse tipo de linha, com bastante movimento e expressividade é característico nas obras de Poty. Você prefere este tipo de linhas numa representação, ou linhas mais suaves, quase diluídas, como nas obras mais acadêmicas?

Se você quer saber mais e ainda ver fotos deste e de outros pontos turísticos de Curitiba, pode consultar o site: <<http://www.curitiba-parana.com>>, acesso em 20/10/2005.



ATIVIDADE

- A linha pode expressar sentimentos? Faça o teste:

Pense numa situação que lhe provoque raiva. Concentre-se neste sentimento e escreva: raiva.

Pense em algo que o deixe muito triste, pequeno, angustiado. Concentre-se neste sentimento e escreva: tristeza.

Compare as duas folhas escritas. A letra saiu igual?

Agora responda: a linha pode expressar sentimentos?

- Com base na obra de Poty, faça com sua turma, uma composição monocromática, para representar pontos importantes e a história de sua cidade.

Cada um deve fazer a sua lista com fatos e locais mais importantes do local, depois, reúnam as listas de toda a turma, observando os pontos mais citados.

Em grupos, elejam os aspectos e figuras que melhor representam estes pontos. Façam rascunhos das figuras escolhidas, experimentando diversos tipos linhas: forte, fraca, segmentada, mais grossa, mais fina, regular, irregular, com tipos de lápis, pincéis e canetas diferentes, etc. Testem tudo o que vocês puderem.

Elejam o tipo de linha que melhor represente a atmosfera de sua cidade e com elas elaborem painéis que a representem.

■ Erbo Stenzel e os monumentos que a maioria conhece e a minoria sabe quem criou



■ ERBO STENZEL. *O Monumento à Justiça e o Estado do Paraná sem Medo do Futuro*. Esculturas em Granito, Praça 19 de Dezembro – Curitiba – Paraná.

Foi por meio do convite do Governador Bento Munhoz da Rocha Neto que em 1952 Stenzel concebeu o projeto do conhecido “Homem Nu”, exposto atualmente na Praça 19 de Dezembro (ou Praça do Homem Nu), em Curitiba. Esta estátua, de um homem dando um passo a frente, representa *O Estado do Paraná Sem Medo do Futuro*. É dele também o painel em granito em baixo relevo representando o desenvolvimento sócio-econômico do Paraná, o obelisco e mulher nua, que simboliza a justiça.

O Monumento à Justiça foi projetado para ficar em frente do Tribunal de Justiça, mas por motivo desconhecido acabou ficando anos atrás do Palácio Iguaçu para depois ser transferido para a praça. Infelizmente, muitas pessoas compreenderam que o Monumento à Justiça (mulher nua) e *O Estado do Paraná Sem Medo do Futuro* (homem nu) foram concebidos para ficar no mesmo lugar e que a mulher foi feita visivelmente menor do que o homem porque Stenzel queria representar a mulher como um ser inferior. Interpretação totalmente equivocada, já que os projetos foram feitos para locais diferentes e com motivos diferentes. Aí se vê a necessidade de se conhecer a história da obra antes de emitir pré-julgamentos.

O Artista

Erbo Stenzel nasceu em Curitiba em 1911. Através de uma bolsa de estudos subsidiada por Manoel Ribas, estudou escultura na Escola Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro, onde, mais tarde, foi assistente de Zaco Paraná. Também foi professor da EMBAP onde por falta de espaço físico, acabou lecionando em vez de escultura, Anatomia Física.

Apesar de ter feito obras de suma importância para o Estado, Erbo Stenzel morreu pobre e esquecido em um asilo no ano de 1980.

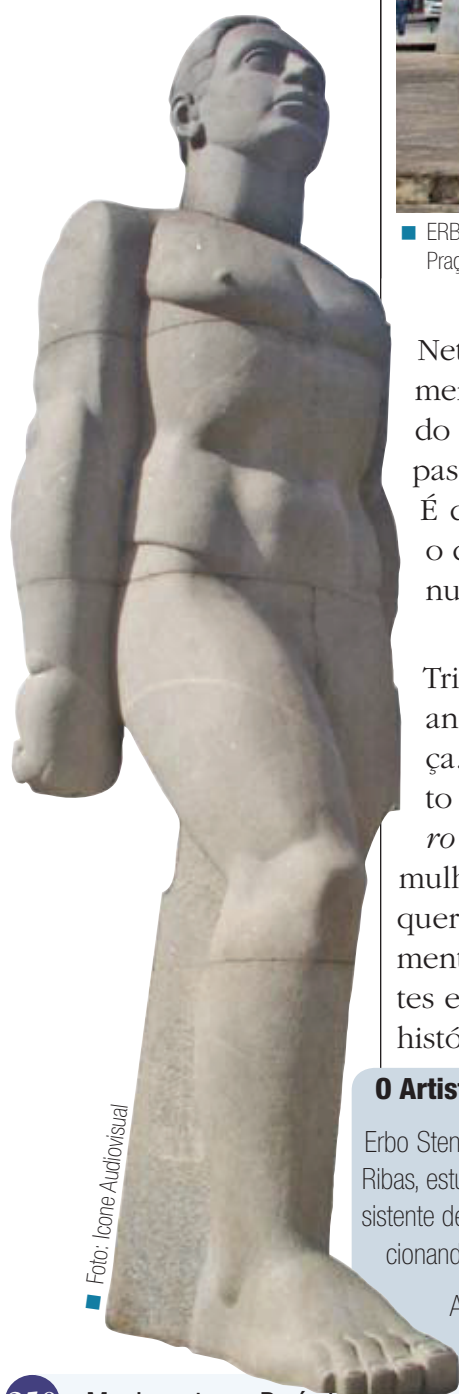


Foto: Icone Audiovisual

Foto: Icone Audiovisual

■ “Pré-julgados do Salão Paranaense de Belas Artes”

Na sua opinião é estranho jogar quadros no chão? Então veja:

“De fundamental importância, como fator de ruptura com a longa tradição do objetivismo visual no Paraná, foi o protesto que se verificou no XIV Salão Paranaense de 1957, por parte de um grupo de artistas inconformados com as decisões do júri (...). Paul Garfunkel ficou tão exasperado que minutos após a inauguração oficial da mostra – ocorrida a 19 de dezembro – rasgou em público a Menção Honrosa que lhe fora concedida”. (Referência, v. 32, nº 12, p. 46)

Bem, este foi só o começo. No dia seguinte, vários artistas que tinham seus trabalhos expostos no Salão Paranaense se dirigiram ao local e os arrancaram das paredes. A fúria era tanta, que os guardas do Salão não foram suficientes para contornar a situação, então chamaram outros funcionários, mas já era tarde, os quadros já estavam jogados no chão.

Não fosse isso o suficiente, alguns artistas como Paul Garfunkel (Menção Honrosa), Fernando Velloso, Loio Pércio e Thomaz Walters-teiner (Menção Honrosa) retiraram suas obras do Salão e as expuseram no saguão da Biblioteca, com o seguinte “título”: “Pré-julgados do Salão Paranaense de Belas Artes”.

O impacto foi tão grande, que chamou a atenção das pessoas que passavam na rua, que lotaram as dependências da exposição.

Depois, Loio Pércio publicou seu *Manifesto Modernista*, no *Diário do Paraná*:

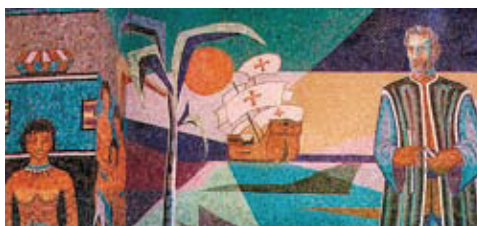
“Este XIV Salão Paranaense de Belas Artes anulou, por completo, todos os esforços despendidos pelos artistas e críticos conscientes nos salões anteriores. Assaltado por uma quadrilha de velhos imbecis, que fizeram da pintura um remédio para as suas enxaquecas e um artifício a mais para obter dinheiro fácil, não representa em absoluto a Arte Paranaense. É um Salão de antiquários e, como se não bastasse, de antiquários desonestos. Jamais entenderam e jamais entenderão, esses fósseis, o que seja arte. Por isto no Ano da Graça de Mil Novecentos e Cinqüenta e Sete, depois da bomba atômica e do satélite artificial, continuam perpetuando uma pinturinha que já era ruim e desonesta no século passado.

Poderia perguntar-lhes por que ao invés de cadilaques, não preferem carros? Entretanto, só o fato de esses falsos artistas fazerem má pintura não chega a irritar-nos. Pelo contrário, diverte-nos. Mas como pintores profissionais, que tentamos fazer da pintura uma atividade digna, consciente e honesta, revolta-nos assistir ao espetáculo da burrice oficializada, ao show da ignorância presunçosa diplomada e reconhecida oficialmente”. (Referência, Vol. 3, nº 12, p. 47)

No final de todo este reboiço, a cobertura da imprensa deu ao fato repercussão nacional, e com isto, inaugurou-se oficialmente o Modernismo no Paraná.

E você, em sinal de protesto, também teria coragem de jogar no chão um quadro fixado numa parede, em uma exposição de Arte?

■ O mosaico de Franco Giglio



■ FRANCO GIGLIO. *Descobrimento do Brasil*. Painel em Mosaico. Edifício Cabral – Curitiba – Paraná.

O Artista

De origem italiana, Franco Giglio (1937 – 1982) foi mais um artista estrangeiro considerado paranaense pela contribuição artística que concebeu a nosso Estado.

Sua pintura, no início, é mais polêmica e social. Depois, viaja à Itália e em seu retorno à Curitiba, traz na bagagem “uma obra mais refinada e interiorizada, que nem por isto deixa de ter uma profunda ligação com a plástica sul-brasileira. Diante de sua pintura, ficamos em dúvida se o suporte que adota é a tela ou o próprio tempo”. (Referência, Vol. 3, nº 12, p.49)

Em sua história, acabou por abolir o pincel. Sua obra se serve então do grafismo, quase digital, usando palitos de fósforo, cotonetes ou qualquer outro instrumento para se expressar. Foi também ceramista e mosaicista, tornando-se um dos principais artistas do cenário nacional.



ATIVIDADE

E você, como representaria o “descobrimento do Brasil”?

Utilizaria uma linguagem acadêmica ou moderna? Qual você acha que ficaria melhor?

E se sua obra ficasse exposta no centro de uma grande metrópole. A forma de representar seria a mesma do que uma obra a ser colocada na parede de um museu? Por quê?

Faça um projeto de um mural a ser executado com a técnica do mosaico utilizando um papel quadriculado. Exponham os projetos e elejam os mais interessantes. Mas não esqueçam: o mais importante do trabalho é a discussão de idéias.

Dulce Osinski



■ DULCE OSINSKI. *O Segundo Guardião dos Anjos*. Óleo s/ Tela 100 X 100 cm, 1990. Acervo do Museu de Arte Contemporânea do Paraná. Curitiba.

A artista

Dulce nasceu em Irati – PR, em 1962. Formada em Pintura e Licenciatura em desenho pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná em 1983, em sua pós-graduação fez estágio em gravura na Academia de Belas Artes de Cracóvia – Polônia entre 1985 e 1987 e curso de aperfeiçoamento em arte-educação na Universidade do Tennessee em Chattanooga – USA em 1995.

Em sua trajetória, fez cerca de vinte exposições individuais e está próxima das cem exposições coletivas, tendo recebido dezesseis premiações, entre elas na VIII Mostra do Desenho Brasileiro. Curitiba, PR, em 1989, no “Museu de Arte Contemporânea do Paraná”. 47º Salão Paranaense. Curitiba, PR, 1990 e o Prêmio Aquisição do “Museu de Arte Contemporânea do Paraná”. 47º Salão Paranaense. Curitiba, PR, em 1994.

Entre os Acervos Institucionais que possuem obras da autora, destacam-se Australian National Gallery. Camberra, Austrália; Biblioteca Pública do Paraná. Curitiba, PR; Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR e State Museum in Majdanek. Majdanek, Polônia.

Atualmente é mestre doutoranda em Educação pela UFPR, onde atua como docente.



ATIVIDADE

Para Apreciar

Observe a imagem. Que animal Dulce Osinski parece ter retratado?

Como você imagina um guardião dos anjos?

Na sua opinião, “guardião” parece estar no céu, onde costumamos imaginar os anjos? Por quê?

Observe que os pêlos próximos à cabeça do animal estão ouriçados. Quando um animal fica com estes pêlos ouriçados, o que isto significa?

Descreva as cores que Dulce utiliza nesta pintura. Esta combinação cromática lembra paz ou inquietação? E o gesto expressivo e as pinceladas com que ela pinta, o que transmitem?

Carmen Carini e a expressão da sociedade atual

Segundo a Carmen Carini, seu desenho “não é muito digestivo”, por este motivo não costuma atrair interesse para a sua aquisição.

Essa afirmativa se dá pela preocupação social que a artista revela em suas obras, que com grande expressividade demonstram a realidade cotidiana de forma bastante dura. Observando seus trabalhos percebe-se a dor da realidade de pessoas desesperançadas pela vida.

Além da expressividade da obra de Carmen Carini, pode ser também observado grande domínio técnico em suas obras, seja em desenho ou em gravura.

Segundo o crítico de arte Ennio Marques Ferreira “Carmen é uma atenta e sensível cronista social, talvez uma das primeiras a gravar no papel a imagem áspera do homem engolido pela cidade”.

A artista

Nascida em Rio das Antas, SC, Carmen Carini viveu no Paraná desde os 04 anos de idade, primeiro em Campo Mourão, mais tarde em Curitiba, quando estudou na EMBAP fazendo o curso de Pintura e de Licenciatura em Desenho.

Foi lá que executou seu primeiro mural como trabalho de finalização de curso; na sequência, inicia sua produção artística e desde então sua obra chama a atenção de artistas, críticos de Arte e do público em geral.

Participou de várias exposições coletivas e individuais destacando-se: 34º Salão Paranaense, 1ª Mostra de Desenhos Brasileiros, Paranaenses Expõem na Suíça, 4º Arte Sul América, Suíte Volland – Picasso – Uma Interpretação Paranaense, Destrama.

Também recebeu prêmios como o 5º Salão de Arte do Iguaçu e o 1º prêmio do V Salão Phillip Morris de Gravura.

Segundo Carmen Carini sua produção artística primeiramente está voltada para atingir as pessoas pelo sensível, independente do olhar erudito. Talvez tenha sido por isto que na década de 1980, Carmen chegou a veicular sua obra nos painéis dos ônibus, mas por sua grande expressão social foi solicitada restringir este tipo de exposição, já que neste período o Brasil estava acabando de sair da repressão da Ditadura Militar.



■ CARMEN CARINI. *Riscar o Risco*, 1999. Grafite e pastel seco sobre o papel kraft, 153 x 180 cm. Curitiba.



ATIVIDADE

Observe a obra acima. O que você vê?

Que expressão você percebe neles?

Observe a frase contida na base da obra. Quem foi Judas? O que ele fez?

Segundo a artista, esta obra nasceu ao tentar expressar a ameaça de contágios graves que podem atingir a humanidade. Qual a relação que pode ser feita entre a frase “de amor o beijo de Judas” e uma doença contagiosa?

Quais são as doenças contagiosas que você conhece? Quais suas formas de contágio? Que reação estas doenças causam às pessoas que as adquirem?

Observe como são representadas as costelas dos personagens. O que você acha que este entrelace pode significar?

Que relação você acha que existe entre o título da obra e o seu tema?



PESQUISA

Seguindo a temática comum da artista Carmen Carini, escolha um aspecto social da humanidade que o incomode e que possa ser representado com figuras humanas.

Pesquise estes personagens tentando representar a sua expressão. Como eles andariam pelas ruas, ou se comportariam nos ônibus lotados?

Procure pensar em deformações que reforcem sua expressão. Será que a cor que mais acentua a expressão do personagem é a cor da pele ou pode ser substituída por outra?

Passe seus esboços para o papel Kraft e pode começar a trabalhar. Abuse nos contornos, nas hachuras e nas linhas que possam demonstrar maior expressividade em sua composição.

Não se esqueça, explorar a técnica de lápis de cor, giz de cera e grafite é muito importante. Não basta criatividade para se ter um bom resultado, a técnica e o treino e principalmente o olhar sensível devem ser levados em consideração, afinal, há quem diga que “Arte é 10% inspiração e 90% transpiração”. E nós concordamos!

Referências

ARAÚJO, A. **“Paranismo” um movimento precursor do pós-modernismo**. Gazeta do Povo, Curitiba, caderno 30 de outubro de 1994, p. 06

ALIGHIERI, D. **A Divina Comédia**. Tradução, prefácio e notas prévias de Hernani Donato; ilustrações de Gustavo Doré. São Paulo: Abril Cultural, 1981.

CASTRO, I. E. de. **O Mito da Necessidade**: discurso e prática do regionalismo nordestino. SP: Editora Bertrand Brasil S.ª 1992.

CAVALCANTI, E. A. **Curitiba Ganha Restauro do Paineiro da Praça 19 de Dezembro**. Em <<http://curitiba.org.br/digitando/cultura/?canal=18¬i=1486>> acesso em 05/11/05.

MORRETES, F. L. de. **A estilização dos Símbolos do Paraná: traçado geométrico do pinhão**. Boletim da Comissão Paranaense de Folclore. Curitiba; v.2, nº 2, p. 47, 1976.

TRINDADE, E. M. de C.; ANDREAZZA, Maria Luiza. **Cultura e Educação no Paraná**. Curitiba: SEED, 2001.

VIARO, C. B. **Guido Viaro**. Curitiba: Champagnat, 1996.

Restinga Seca, em <<http://www.estacoesferroviarias.com.br/pr-cur-pgro/restingaseca.htm>> acesso em 18/10/2005.

LAZZAROTTO, P. **Essa Gente de Curitiba**. Ilustração, 1995. disponível em <<http://www.pr.gov.br/se-ec/poty/ilustra01.html>> acesso em 18/12/05.

O painelista Poty Lazzarotto deixa seu último trabalho: um mosaico em <<http://mosaicodobrasil.tripod.com/id28.html>> acesso em 18/10/2005.

Franco Giglio em <www.francoigiglio.com.br> acesso em 18/10/2005

Guia Geográfico de Curitiba em <<http://www.curitiba-parana.com/>> acesso em 20/10/2005.

Exposição Inédita de Calderari no Solar do Rosário. Em: <<http://www.paranashop.com.br/colunas/colunas.php?id=837>> acesso em 20/10/2005.

Papa Bento XV. Em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Papa_Bento_XV> acesso em 07/12/2005.

Evangélicos Canônicos. Em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Evangelhos>> acesso em 07/12/2005.